



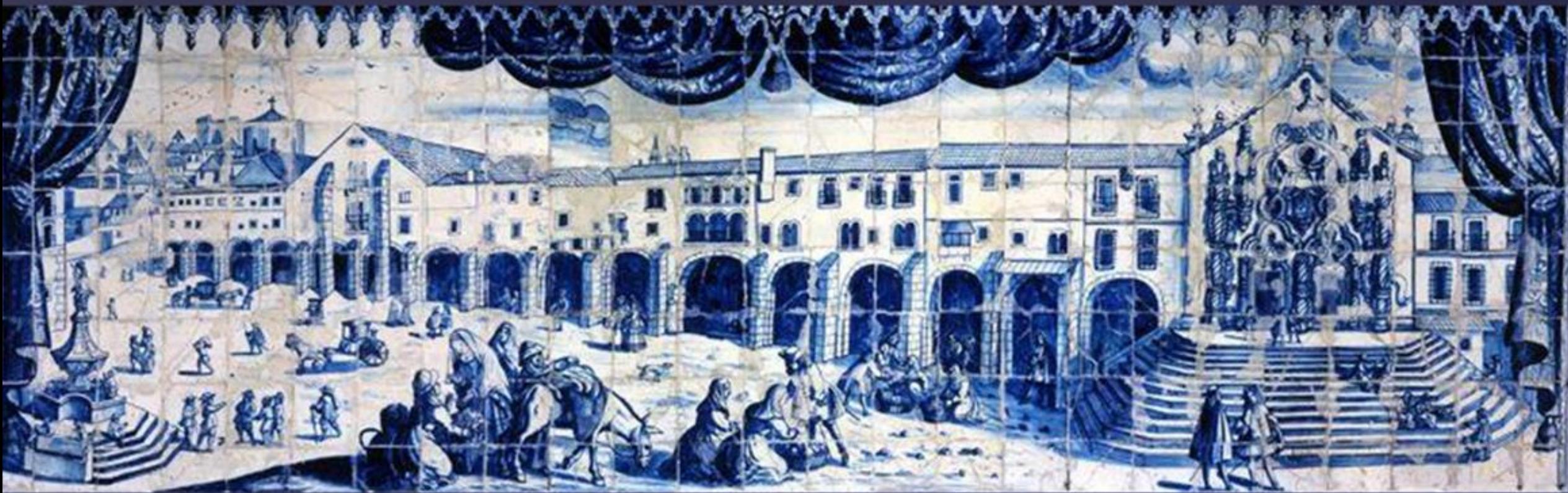
Apontamentos para a História do Hospital de Santa Maria

Victor Oliveira MD, PhD
Neurologista
Investigador Principal FMUL



HOSPITAL DE TODOS-OS- SANTOS

Museu da Cidade - CML



Edifício de vanguarda na época, acolheu os primeiros internamentos em 1502, com regimento e estatuto de Escola de Cirurgia e o número de enfermarias foi crescendo ao longo do tempo: 3 (1504), 16 (1520) e 25 (1715).

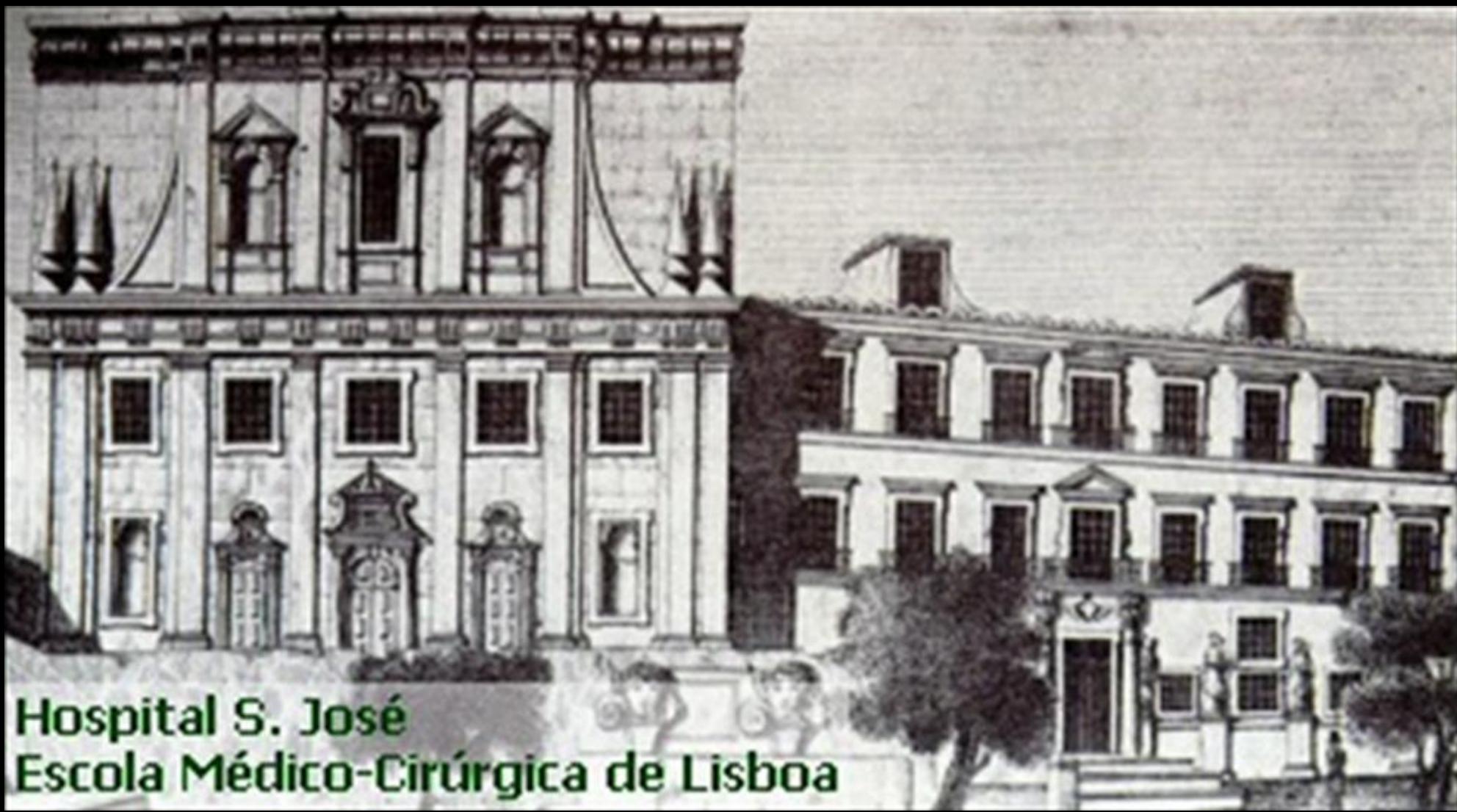


Início de construção 1492

(D. João II – D Manuel)

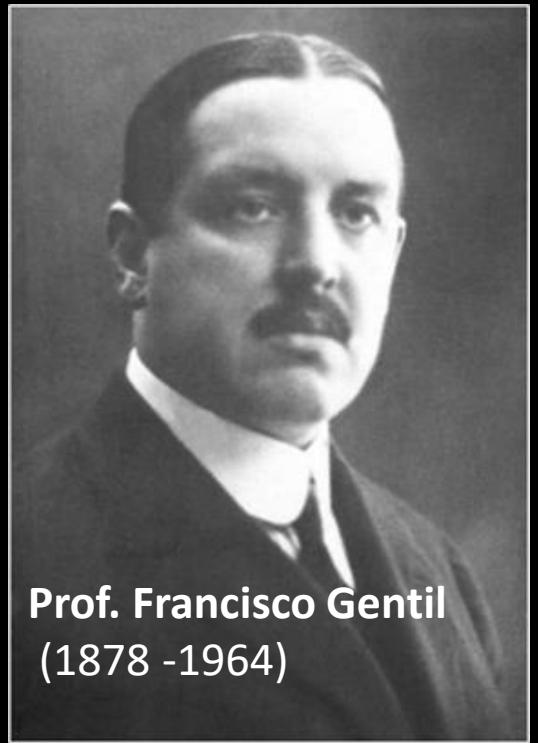




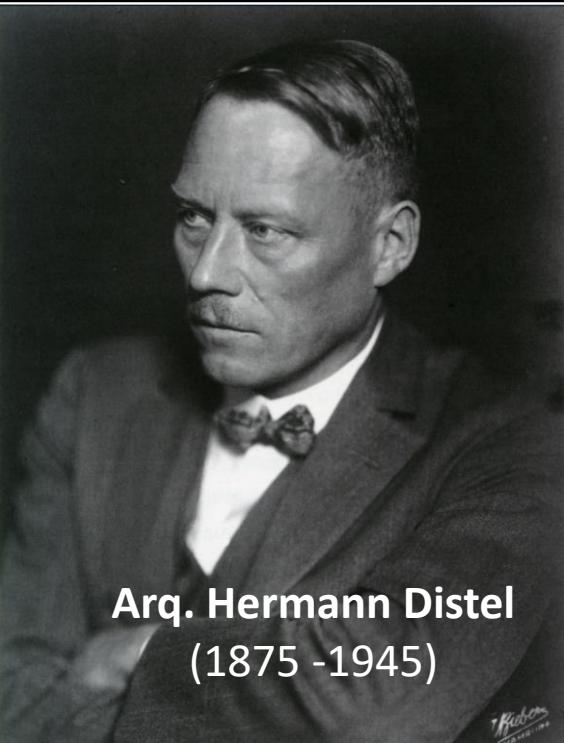


Hospital S. José
Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa





Prof. Francisco Gentil
(1878 -1964)



Arq. Hermann Distel
(1875 -1945)



A concepção é a superior orientação dos estudos e projectos elaborados para a realização desta grandiosa obra e seu progressivo desenvolvimento coube à COMISSÃO TÉCNICA DOS HOSPITAIS ESCOLARES assim constituída:

Presidente:

Professor Doutor Francisco Gentil

Vogais:

Professor Doutor Hernâni Monteiro
Engenheiro Insp. Sup. de Obras Públicas Fernando Galvão Jácome de Castro

Professor Engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso

O projecto foi elaborado pelo
ARQUITECTO HERMANN DISTEL
(Falecido em 5 de Agosto de 1945)

A construção foi efectuada pela
COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS
assim constituída:

Vice-Presidente:

Engenheiro Insp. Sup. de Obras Públicas Fernando Galvão Jácome de Castro

Administradores-Delegados:

Professor Engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso
Engenheiro Eduardo Evangelista do Carvalhal

Secretário:

Dr. Domingos António Martins Alvarez
e, posteriormente,

Dr. Eduardo Eugénio Perestrelo França de Oliveira
(Presidiu à Comissão, até 21/9/1937, o Professor
Doutor Alexandre Alberto de Sousa Pinto)

*
Os estudos e cálculos de toda a estrutura de betão armado foram executados sob a direcção do Engenheiro Eduardo Evangelista do Carvalhal

*
Independentemente de vários técnicos que intervieram temporariamente no desenvolvimento do projecto e nos cálculos, e dos técnicos especializados dos empreiteiros, foram principais colaboradores da Comissão:

Os engenheiros civis — Inácio Constantino de Meneses Oom do Vale, Tomás da Rocha Leão de Sousa Eiró e António Teixeira de Sampaio

Os engenheiros electrotécnicos — Mário Carlos de Araújo Leal, Vitor Emanuel Simões Sampaio e Mário de Sousa Maçãs Fernandes

Os arquitectos — João Simões e Joaquim Augusto Martins Gaspar

Os agentes técnicos de engenharia civil — Georgino da Nova e José do Carmo Lemos

Os agentes técnicos de electrotecnia — Fernando Viotti Carmona e Joaquim José Francisco Pedrosa Martins

E o chefe dos serviços de secretaria e contabilidade — Manuel Assunção Barreira

M. O. P.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS NOTÓIOS

EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

HOSPITAL ESCOLAR
DE
LISBOA

PLANTAS E ALÇADOS

ABRIL 1953

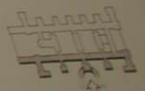
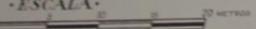
COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

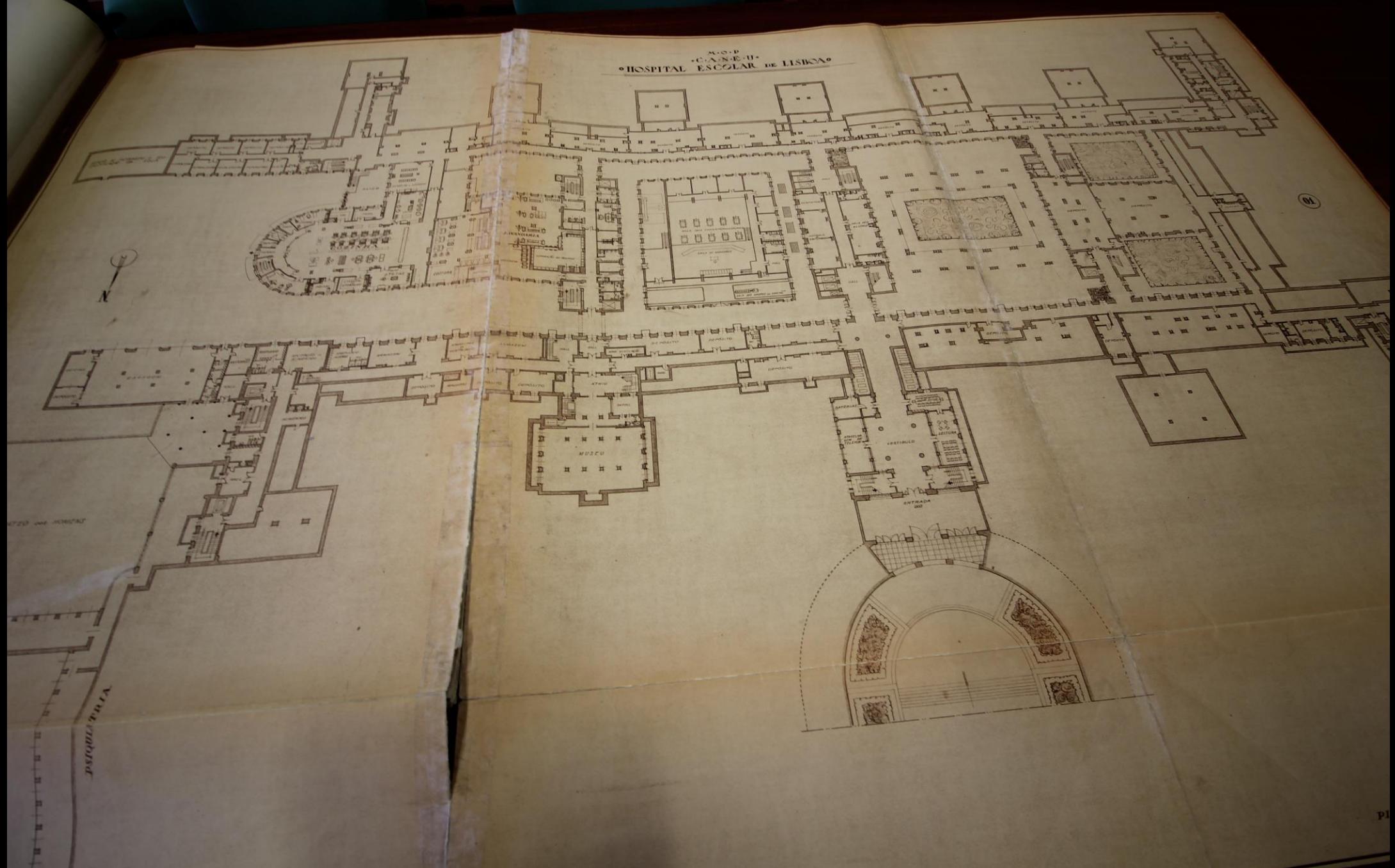
HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA

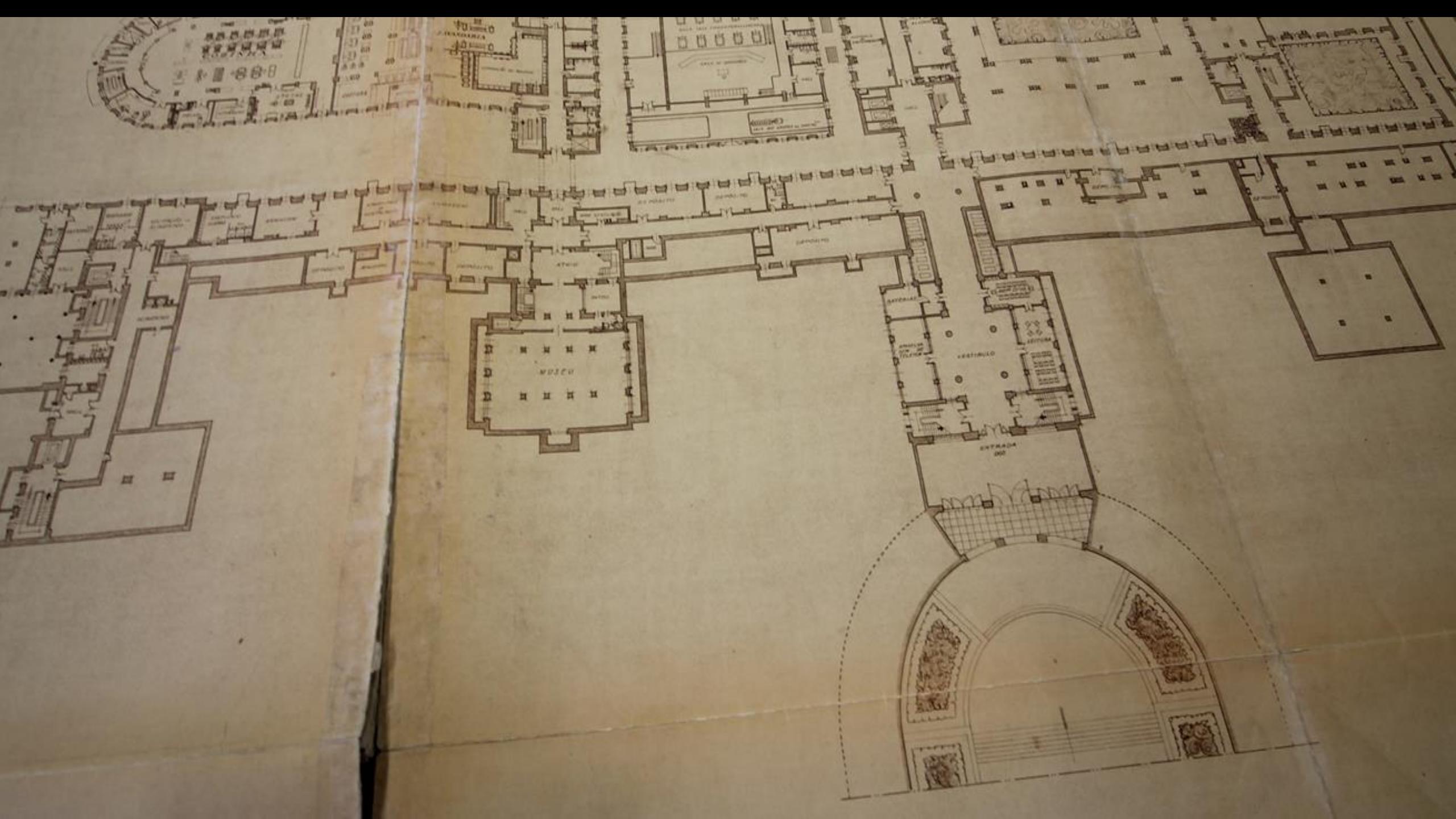
FACHADA PRINCIPAL
(NORTE)

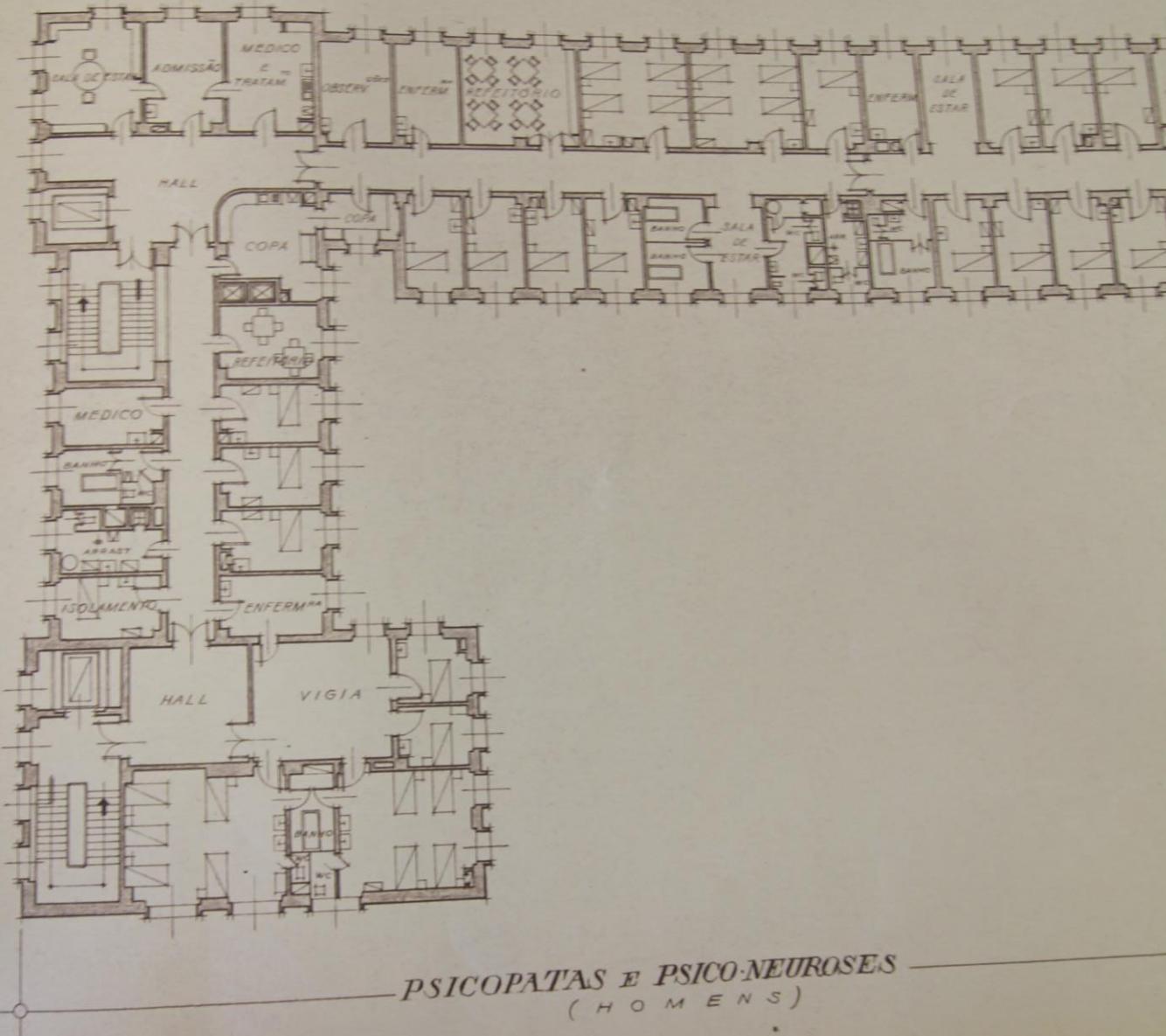


• ESCALA •









PSICOPATAS E PSICO-NEUROSES
(HOMENS)

- Área: 128.000 m₂,
- Frente: 260 metros.
- Portas: 4.500
- Janelas: 5.400
- Redes de água: 60 km
- Rede Eléctrica: 350 Km



Tempo de construção: 13 anos (1940 – 1953)



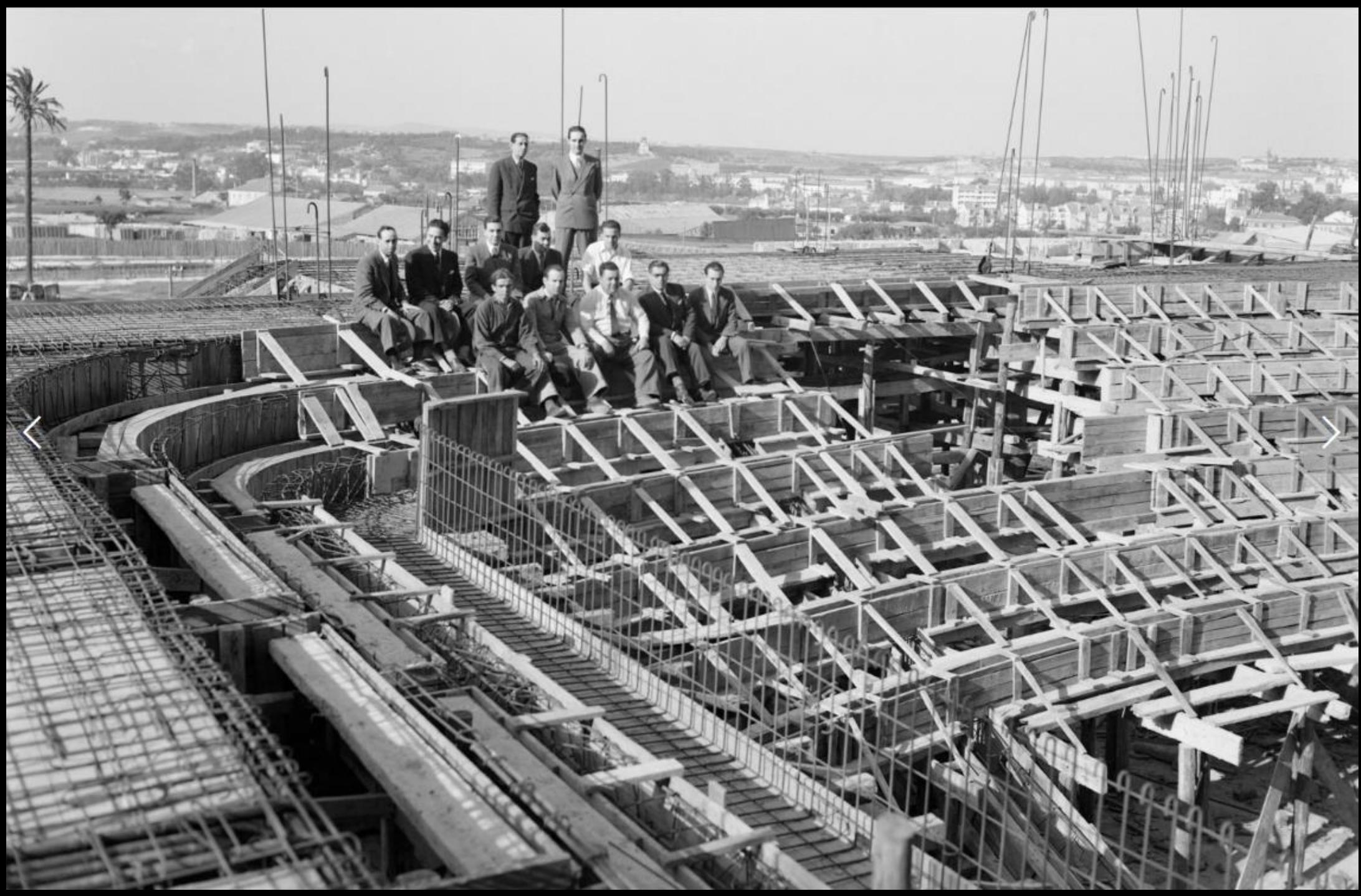






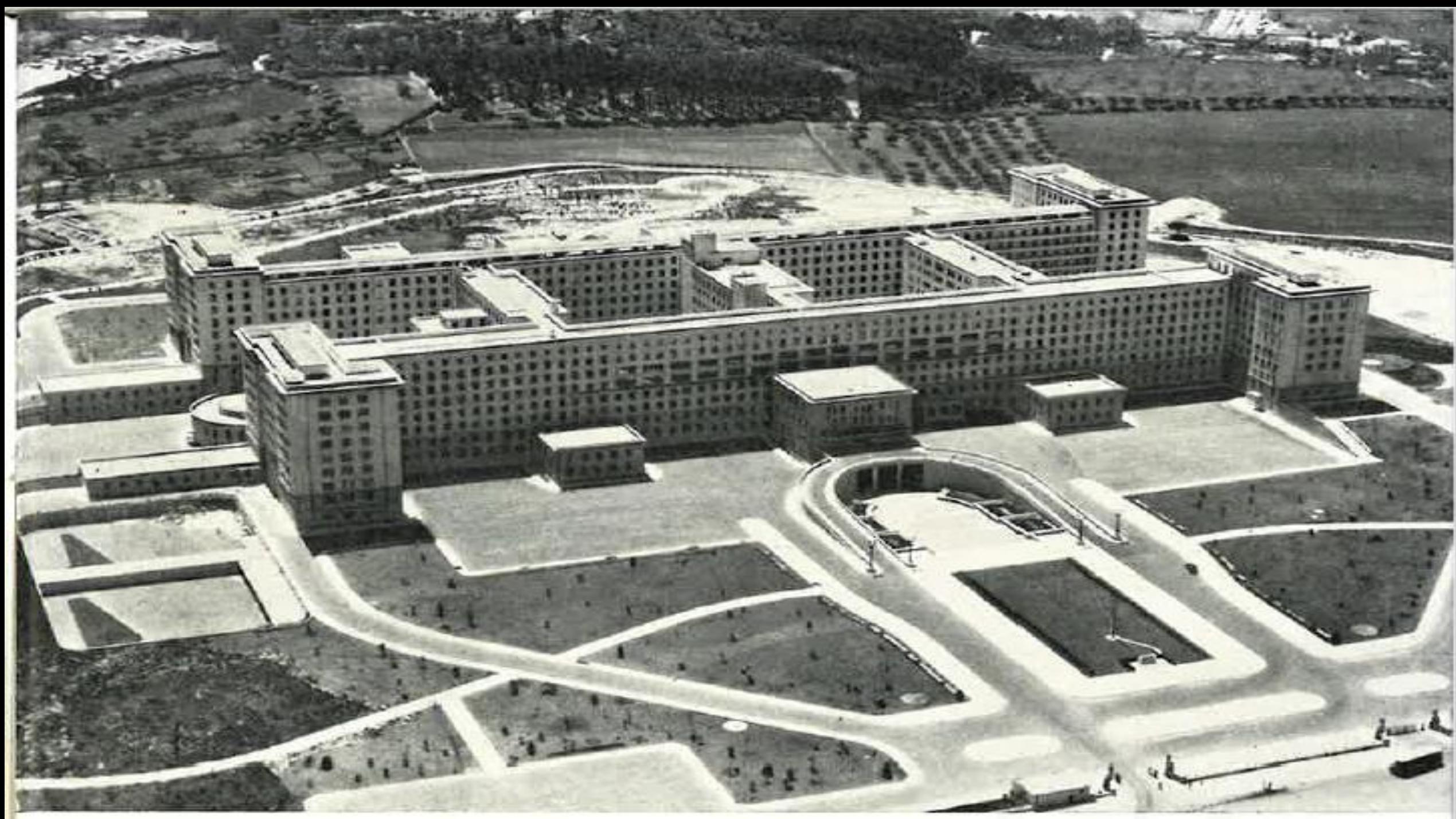












Suplemento ao n.º 31.316

«São coisas muito grandes a passarem do sonho para a realidade da vida, ante os nossos olhos, atónitos de tanto nos haver a decadência habituado a tê-las por impossíveis.»

28-4-930

SALAZAR

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNALIS PORTUGUESES

Diario de Notícias

PROPRIEDADE DA EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE, S.A. — LISBOA

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

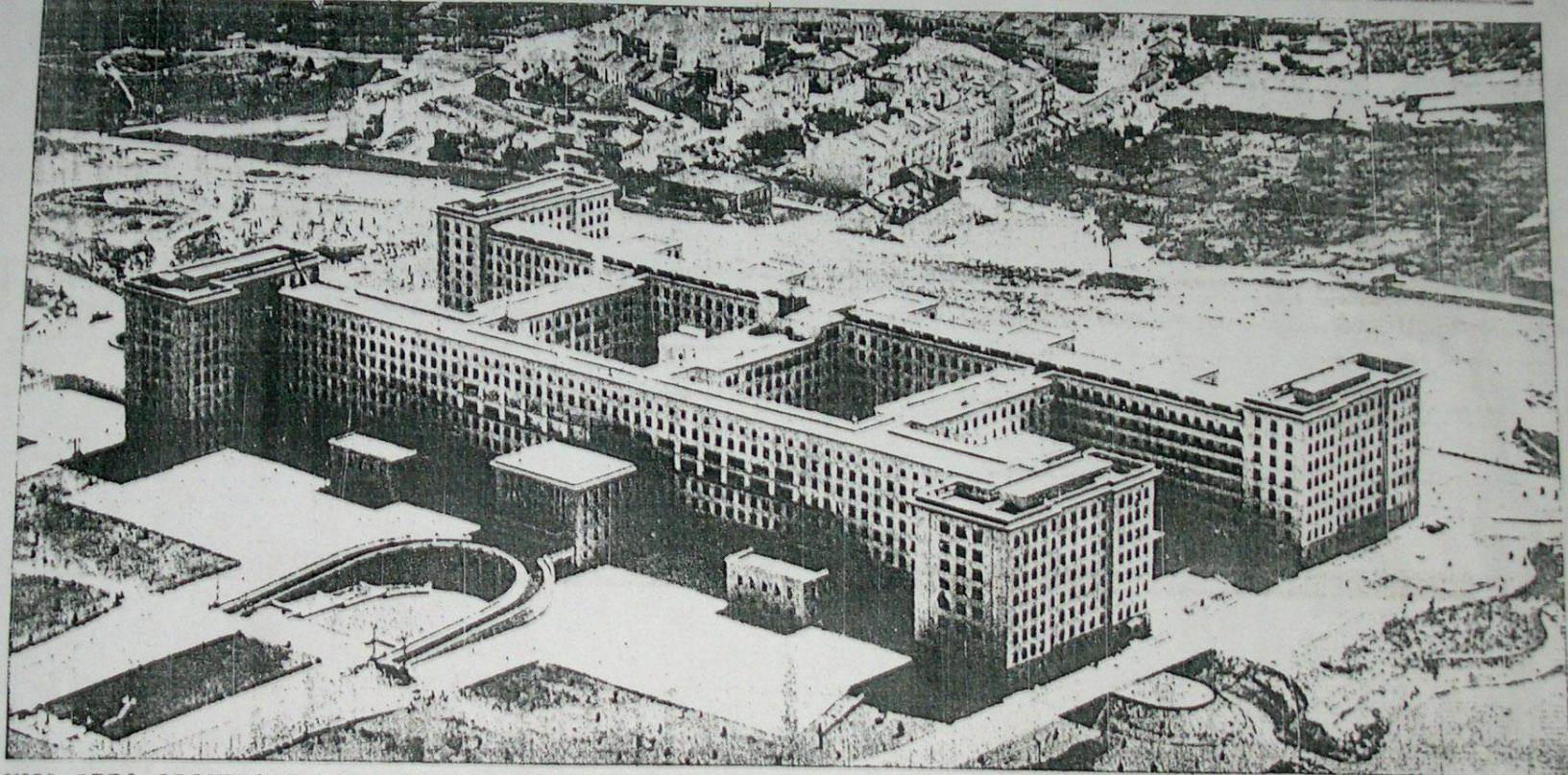
Editor: Augusto Salazar • Enc. Tel. 1. NOTÍCIAS
Táxi: 101/48108/48109/48102/48108/48109
N.º 48104/48105/48106/48107/48108/48109

Segunda-feira, 27 de Abril de 1953

«Essas muitas mos de Governo, cheias de dificuldades e perigos, mos, também, de prestígio e vitalidade nacional, criaram com milha a consciência da utilidade do esforço realizado em prol da Pátria Portuguesa.»

26-2-940

SALAZAR



UMA OBRA GRANDIOSA FEITA COM DINHEIRO DO PVO E PARA O PVO

O HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA
QUE HOJE SE INAUGURA

A SOLUÇÃO DUM GRANDE PROBLEMA NACIONAL

O HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA

que importou em mais de meio milhão de contos, será servido por pessoal competente, dependendo dos Ministérios do Interior e da Educação Nacional, na sua dupla qualidade de estabelecimento de assistência e centro de ensino da Faculdade de Medicina

— declarou-nos o Dr. Trigo de Negreiros, ministro do Interior



Dr. Joaquim Trigo de Negreiros, ministro do Interior, que hoje recebe, para integrar nos serviços do seu ministério, o Hospital Escolar

O sr. dr. Trigo de Negreiros é um nome definitivamente ligado à história da assistência no nosso País. Deve-se à sua sólida formação doutrinária, ao culto da ordem e da disciplina das ideias, à invulgar capacidade de realização de que deu provas de vez nos altos cargos exercidos na sua já longa vida pública, uma obra que resulta de saber aproveitar com intuição e tacto político as circunstâncias estabelecidas pelo destino, na política e na administração, para criar, para realizar, orientado sempre pelo mais profundo sentido de justiça e progresso social.

Na sua vida de estadista, o dr. Trigo de Negreiros, como subsecretário das Comunicações, deu

o imperativo de uma consciência que é, no mesmo grau, nacional e cristã, cercando-se dos maiores valores, especialistas que na prática possam exercer a sua função com a maior eficiência. Salazar concordou ao seu dispor, traçou um plano que vem sendo executado gradualmente, mas ininterruptamente. Não é possível, todavia, que, tendo em vista os seus aspectos, Mas, porque da inauguração de um novo hospital, o maior já mais construído em Portugal, se trata, não deixaremos de mencionar a lei 2.011, de 2 de Abril de 1946, em que se estabelece a organização hospitalar, lei que tem permitido alterar profundamente as condições em que se desenrola o ramo essencial da assistência pública.

A palavra do dr. Trigo de Negreiros tem de fazer-se ouvir neste número do nosso jornal. Procurámos-o. O ministro do Interior, sempre atento à necessidade de bem informar o público, não se recusou, pelos serviços do seu Ministério, a prestar-nos todos os esclarecimentos que desejámos. Não pareceu oportuna, nem justificada a entrevista. Mas conversámos. Conversámos demoradamente durante algumas horas. Os

discursos de que resultou a conversa, a seguir, foram feitos ao dr. Alberto Ribeiro Quelros, Subsecretário da Saúde, que, por sua vez, os transcreveu, e que os publica, com a sua assinatura, no seu nome.

nos e os vizinhos. As instituições, como era natural, especializaram-se através dos séculos, atingindo o seu estado actual, merecendo, sobretudo, a atenção e a exigência do tratamento dos doentes da evolução das ciências médicas. Neste capítulo, a tradição portuguesa marca lugar de relevo, sobretudo a partir dos começos do século XVI, com a criação do Hospital que mais tarde se chamou de Todos os Santos, e que, na sua origem, concentrava de nada menos de 45 pequenos hospitais dispersos pela cidade de Lisboa.

Este desenvolvimento das instituições hospitalares enquadra-se num momento admirável de que

Jul promotor e inspiradora a Raí

lha, que culminou na criação das Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos

pitais, que estavam na crise das

Misericórdias. Fomos, portanto, a côn

ce que, de um modo geral, toma

ram a seu cargo por este País fo

ra o tratamento de doentes em hos



Eng. Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, quando o Governo decidiu construir o Hospital Escolar. O homem a cuja visão grandiosa se devem alguns dos mais imponentes edifícios existentes no País e das obras que transformaram a economia e preparam um futuro melhor para o povo português



Arquitecto Hermann Distel, autor do projeto do Hospital Escolar de Lisboa (falecido em 1945)

(Continua na 6.ª página)

OS HOMENS QUE

O HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA É HOJE INAUGURADO

(Continuação da 1.ª página)

teriormente amparados, a conservação seja fácil e possam ser mantidas as condições de higiene e de conforto com o mínimo possível. Deve ser, em particular, em áreas que garantem um clima interior bem romo, se ressalvarem esses, recomenda-se, como se encontram em diferentes entradas e saídas das casas, nos diferentes compartimentos internos, necessárias constantes reparações, não só de madeira, e que estejam sempre em boas condições de resistência, e que evitem intempéries e facilidade ao acesso de las. Tais casas se diligenciam obter, para as portas interiores, condições razoáveis de fechamento, e correspondência com a condicionamento já adaptado nas portas e divisórias, etc.

O maior edifício construído, até hoje, em Portugal

Em referência a algumas das instalações, adequadas à construção, é conveniente lembrar a que se faz quanto ao gás, electricidade e aquisição. Parece a necessidade dum convenientemente abastecimento de água para os doentes, pessoal, estudantes, etc., seja levada a considerar uma consumo médio diário a montar em reserva igual ao de água, cuja distribuição é mister recuperar com pressão quanto possível constante em cada local, embora evitável de piso para piso. Estas condições obrigam a construção de grandes depósitos, instalações de bombagem e redes de distribuição, montadas exteriormente de paredes, para assegurar fácil observação e conservação. Toda a água distribuída é prevenção filtrada e descalcificada. A instalação elétrica, abrangendo a iluminação, sinalização, forças motriz, circuitos de corrente média, telas X e aquecimento, atinge um enorme desenvolvimento.

Depois de executada a maior parte das estruturas, foram realizadas durante os anos de 1917, 1918 e 1919 os trabalhos complementares do traço, incluindo-se as diferentes instalações e profissionalizam-se as redes de dezenas quentes e frias, de esgotos, de electricidade, e o arranjo exterior dos terrenos. Depois disso desenrolaram-se todos os trabalhos, quer de construção quer de instalações, incluindo avenhamentos.

A área do terreno adjacente ao Hospital é de ordem de 200.000 m², e de implantação do edifício de cerca de 18.500 m², a área total de construção é de 128.000 m², distribuídos pelos 11 pisos. Os revestimentos especiais de pavimentos atingem 62.500 m², e os revestimentos de parede 220.000 m².

Localizado num dos pontos mais altos da cidade — Palma de Cima

—, que corresponde ao seu centro geográfico e está dotado de um elevado e fácil acesso, distante aproximadamente de quatro quilômetros e meio da Praça dos Restauradores, o Hospital Escolar de Lisboa é o maior edifício que já se construiu entre nós. Tem 2600 quartos, 1325 de fundo. Da sua superfície total de construção, cerca de 100.000 m², correspondem ao hospital e 28.000 m² à Faculdade de Medicina.

As instalações hospitalares

Comum, essencialmente, de dois grandes corpos longitudinais, alojando cada uma 24 ou 25 divisórias em quartos de 1, 3, 5 ou 8 m² cada uma, e que se articulam ao centro, é a disposição das casas de residência (Salas de tratamento, serviços de higiene, copa servida por um munido-alimentos, etc.) ao seu funcionamento. Com o agravamento destas unidades clínicas e número cada vez maior, o internamento de doentes, julgado o maior, constituiu-se os diferentes serviços. O piso 2 é destinado ao ensino e o piso 1 a quartos particulares. No piso 9 existem algumas enfermarias e um grande salão.

Corpo Sul

Nos pisos 3 e 8: 30 unidades clínicas normais (5 m² cada piso), alojando cada uma 24 ou 25 divisórias em quartos de 1, 3, 5 ou 8 m² cada uma, e que se articulam ao centro, é a disposição das casas de residência (Salas de tratamento, serviços de higiene, copa servida por um munido-alimentos, etc.) ao seu funcionamento. Com o agravamento destas unidades clínicas e número cada vez maior, o internamento de doentes, julgado o maior, constituiu-se os diferentes serviços. O piso 2 é destinado ao ensino e o piso 1 a quartos particulares. No piso 9 existem algumas enfermarias e um grande salão.

Corpo Norte

Nos pisos 7 e 8: alojamentos para o pessoal. No piso 6: salas de estudo e salas de observação e operação no grande bloco operatório que integra o piso 7. Nos pisos 3 e 4: instalações da Faculdade de Medicina. Localiza entre si o Corpo Norte e o Corpo Sul, três corpos transversais designados por Alas Nascente, Central e Poente, com os pisos, onde, além de outras instalações (aulas, anfiteatros, bibliotecas, etc.) destinadas também ao ensino, à investigação, se alojam os serviços centrais de admisão de doentes, Direcção e Administração do Hospital e da Faculdade, serviços da Farmácia, Cirurgia Experimental e os grandes ligões verticais (escadas e ascensores).

Os dois corpos longitudinais, Norte e Sul, são rematados, nos seus extremos, por quatro grandes construções, com 11 pisos, designadas por Corpos Extremos Sul-Nascente, Sul-Poente, Norte-Nascente e Norte-Poente. Cada um destes corpos constitui um bloco com vida independente, embora servido pelos serviços centrais gerais. Nas quatro grandes corpos, dotados de todos os meios necessários de hospitalização e tratamento de doentes, alojam-se, de uma maneira geral:

No Corpo Extremo Sul-Nascente — as especialidades cirúrgicas; No Corpo Extremo Sul-Poente — as de Tubercolose e Infeto-contagiosas;

No Corpo Extremo Norte-Nascente — a de Psiquiatria e Neurologia;

No Corpo Extremo Norte-Poente — as de Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia.

Ala Transversal Central

A Ala Transversal Central é encuada, de cima para baixo, pelas seguintes instalações: Cirurgia Experimental; salas de Biblioteca e serviços industriais. As circulações horizontais de alimentos e

(Continua na 4.ª página)

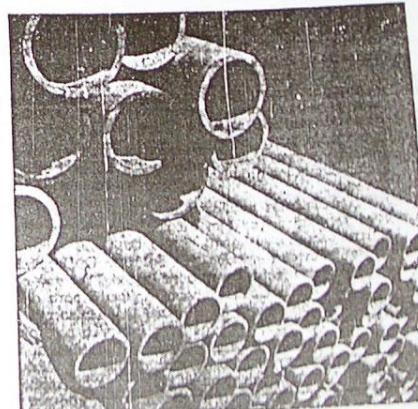
5.800 janelas!
4.500 portas!

DO NOVO HOSPITAL-ESCOLAR DE LISBOA

foram metalizadas por

SOCIEDADE LISBONENSE
DE METALIZAÇÃO, LIMITADA

Telef: 138 — SACAVEM — R. Miguel Bombarda, 58



A TUBAGEM
LARGAMENTE
APLICADA NO
HOSPITAL
ESCOLAR



L U S A L I T E

RUA DE S. NICOLAU, 123 * TEL. 22091-2-3 * LISBOA

Hospital Escolar de Lisboa

equipado completamente com:

Dezenas de milhares de torneiras e misturadoras

«MAMOLI»

Milhares de Fluxometros (disparadores de água)

«MAMOLI»

e mais aparelhagem especial, fabricadas pela

Metalurgica Luso Italiana, Ltd.^a

(Concessionária das patentes «MAMOLI»)

A Técnica mais moderna no fabrico. Fundição em ligas especiais, por coquilha e prensada

Técnicos especializados na produção de grandes series, sistema unificado

TRAVESSA DAS SALGADEIRAS N.^o 7

Lisboa

Telef. 42563

O HOSPITAL ESCOLAR
CONSUMIU MUITAS TONELADAS
DE
**TINTAS
DYRUP**



A TINTA QUE PINTA

Fábrica de Tintas de Sacavém - SARL

Empreiteiros: Soc. Const. Amadeu Gaudencio, Lda.

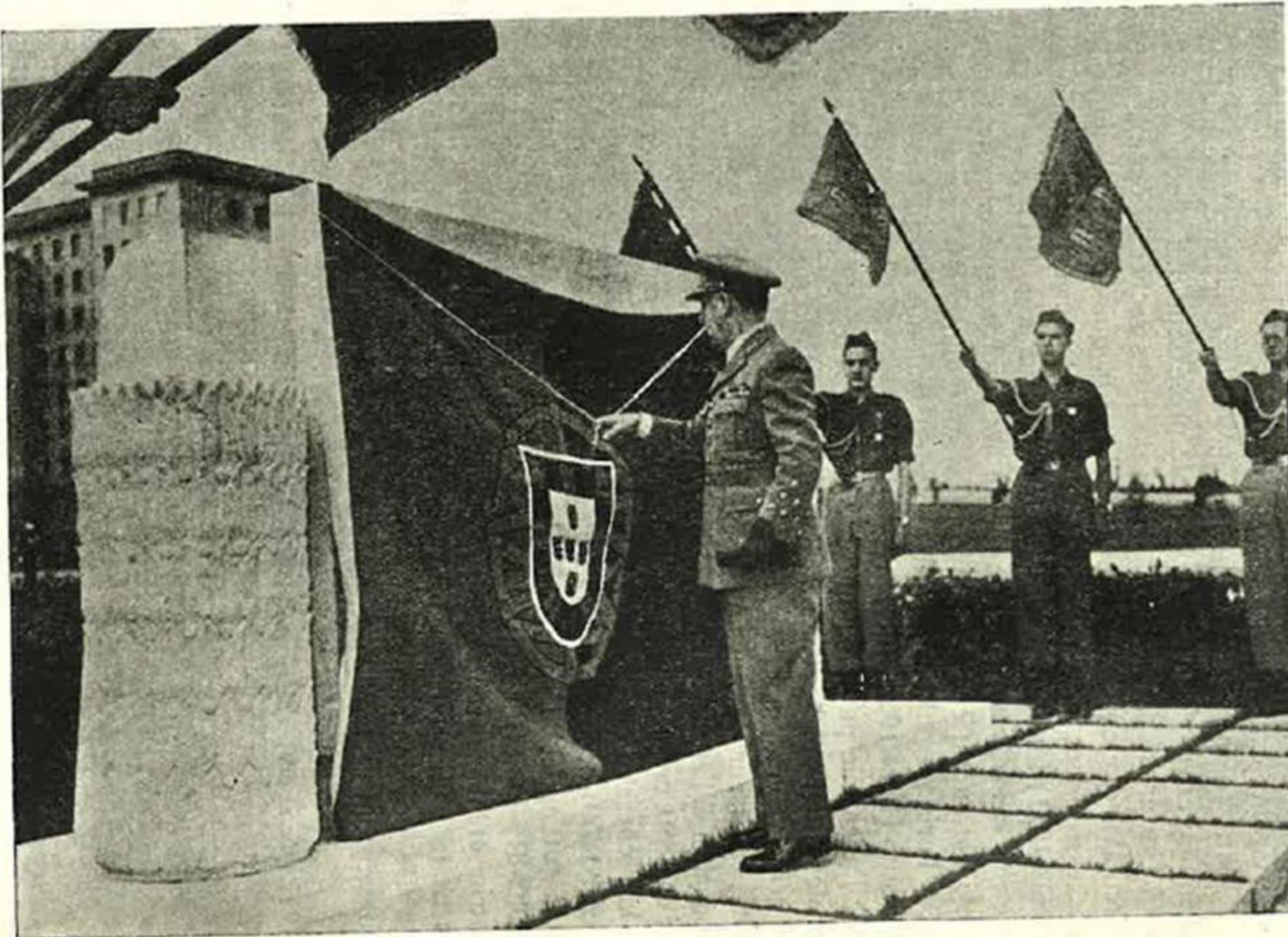
FABRICO NACIONAL E MONTAGEM DE:

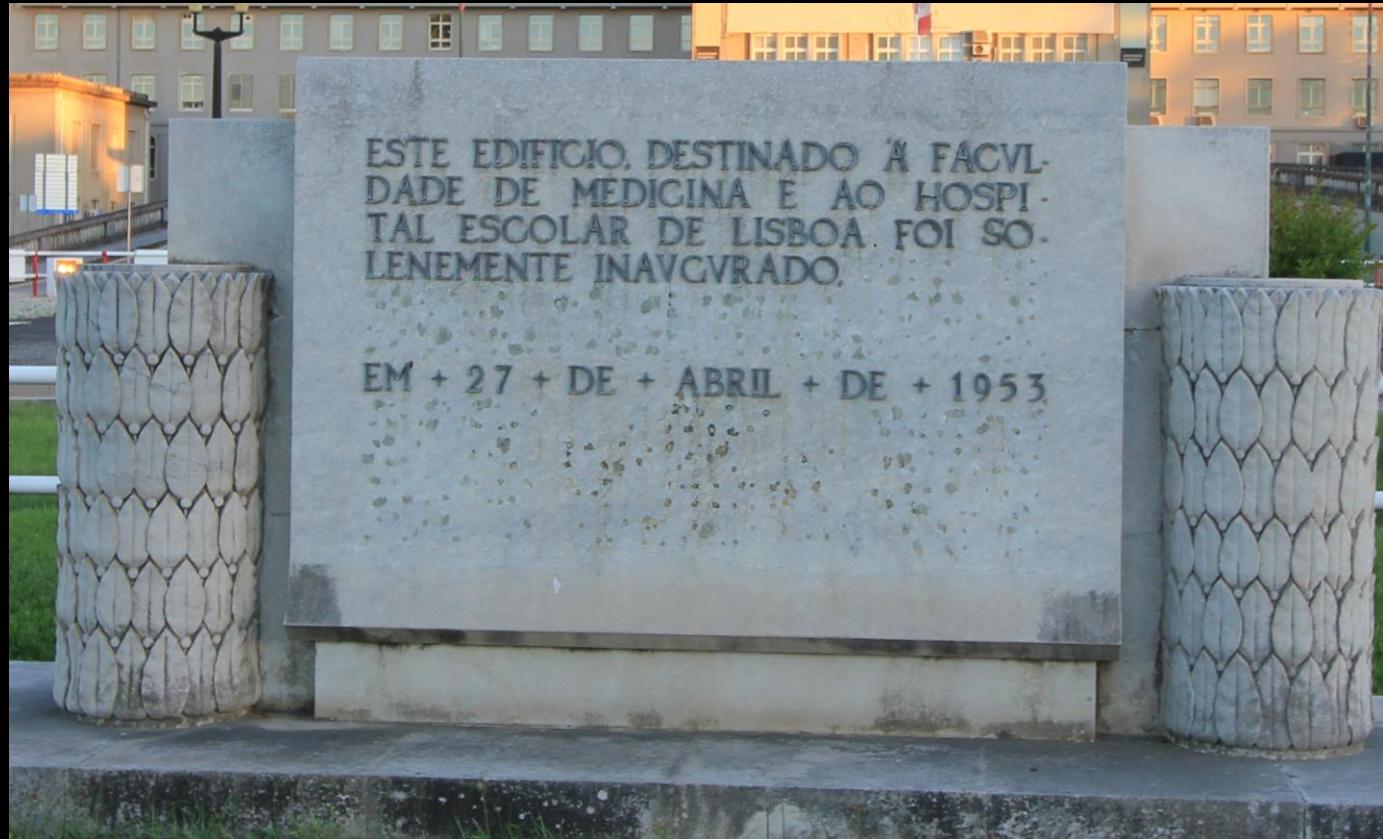
65 ASCENSORES, incluindo: Monta-Macas e ascensores de pessoas com 2 velocidades 1/0.165 m/seg. e portas de patamar com abertura e fecho automático; Monta-Cargas; Monta-Fratos; Monta-Livros; Monta-Cadáveres; Monta-Alimentos e Descensores de Sujos.

330 QUADROS CAPSULADOS para todos os fins.

5055 IRRADIADORES ELÉCTRICOS Por convexão, trabalhando ao calor-negro, munidos de respectivos termostatos de comando. Para a sua confeção utilizaram-se 20.200 metros de tubo especial de secção elíptica, fabricado por António de Carvalho & Filhos, de Leça de Palmeira — Potência instalada: 5 500 kW.

106 TERMO-ACUMULADORES ELÉCTRICOS de várias capacidades, até 500 litros com a potência total de 2.500 kW.

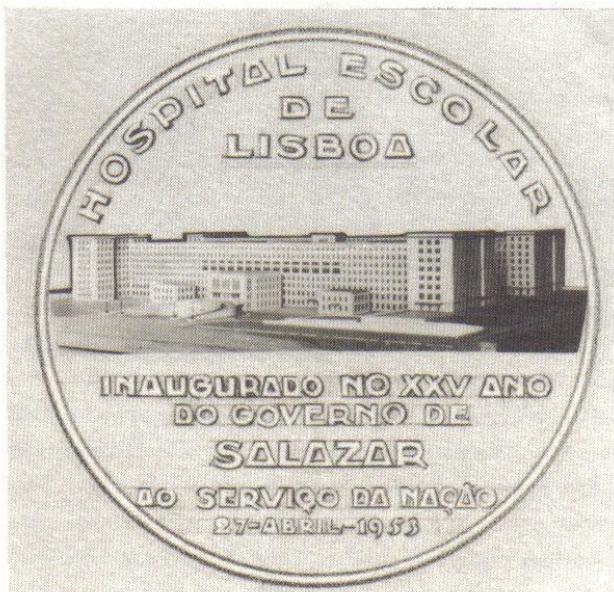
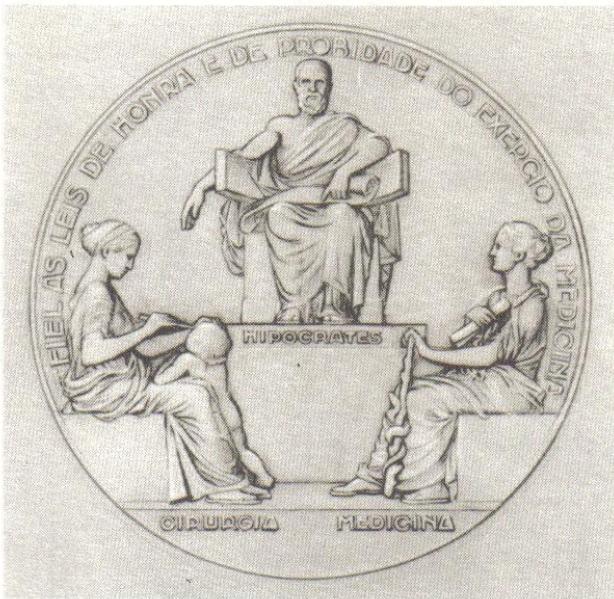




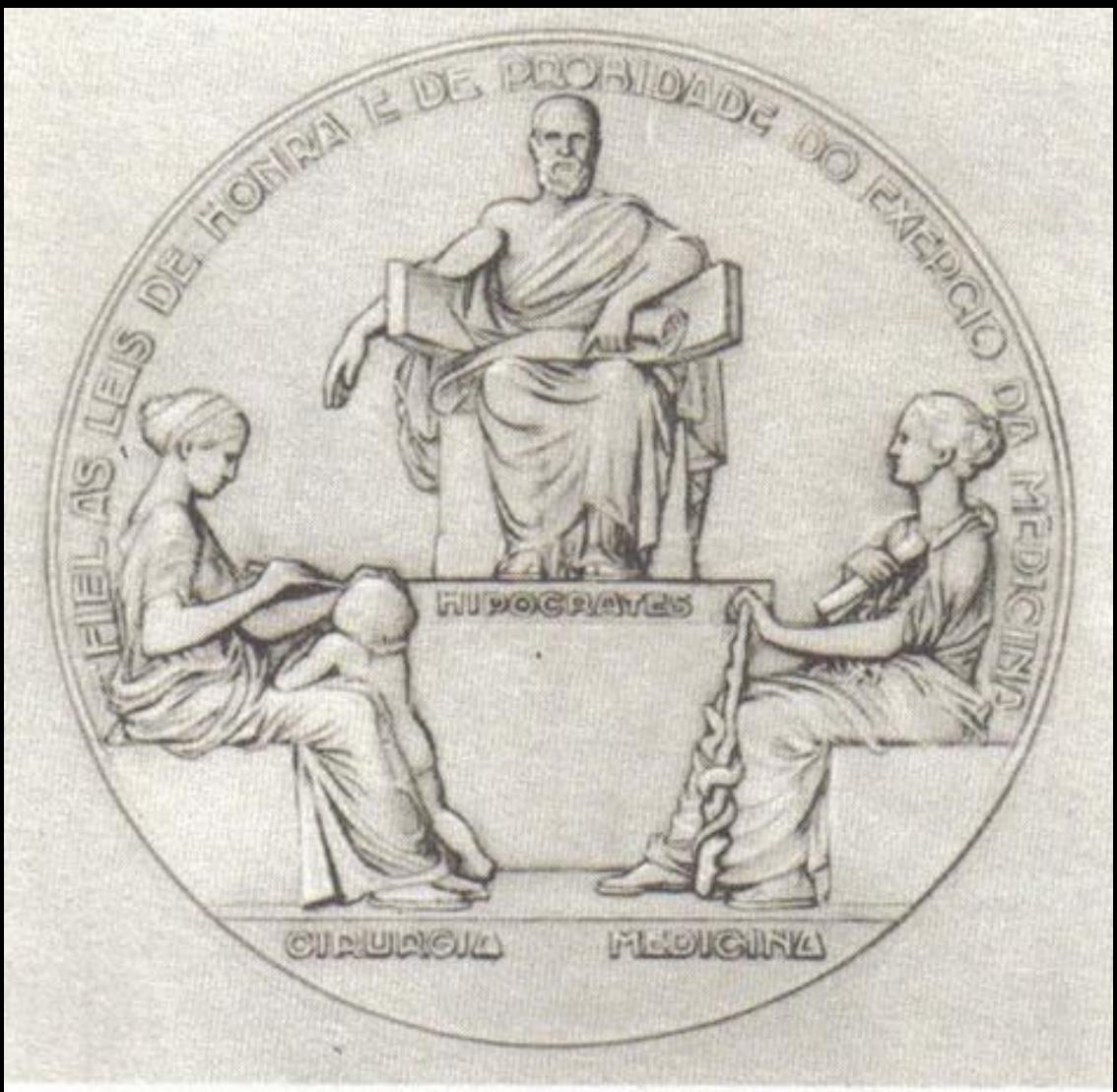


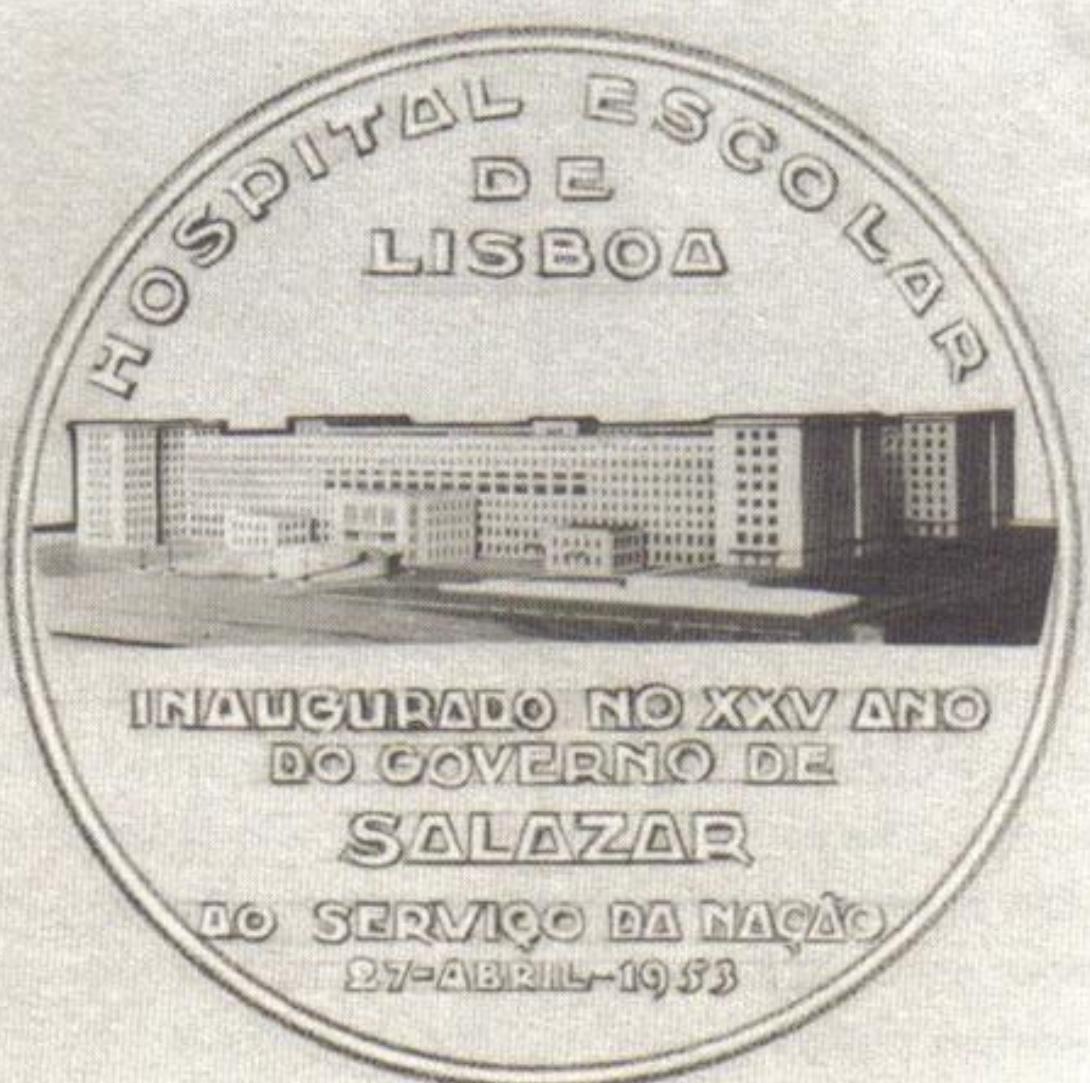
O Prof. Doutor Oliveira Salazar visita o novo Hospital Escolar de Lisboa





ESTUDO DO PROJECTO PARA A MEDALHA COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA — Escultor João da Silva





ESTUDO DO PROJECTO PARA A MEDALHA COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA — Escultor João da Silva









REGISTRATION



Le Vestibule d'admission des malades

















PORTUGAL
ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS
1899-1929



Sanatorio Popular de Lisboa
Galeria de cura







Hôpital de Santa Maria

MÉDECINE ET CHIRURGIE GÉNÉRAUX

Médecine Générale
Rhumatologie
Cardiologie
Chirurgie Générale
Chirurgie Maxilo-Faciale
Traumatologie et
Orthopédie

SPECIALITÉS

Tuberculose
Contagieux
Ophtalmologie
Oto-Rhino-Laryngologie
Urologie
Dermato-Vénérologie
Pédiatrie
Obstétrique et Gynécologie
Neurologie
Psychiatrie

SERVICES GÉNÉRAUX ÉCONOMIQUES ET ADMINISTRATIFS

Central de Triage
des Malades
Central des Admissions
Renseignements
Photographie
Diététique
Hygiène
Salubrité
Entretien
Aprovisionements
Magazins
Services Administratifs
Comptabilité
Trésorerie

SERVICES D'URGENCE ET CONSULTATIONS

Service d'Urgence
Médecine Générale
Chirurgie Générale
Orthopédie
Tuberculose
Ophtalmologie
Oto-Rhino-Laryngologie
Urologie
Stomatologie
Dermato-Vénérologie
Pédiatrie
Obstétrique et Gynécologie
Neurologie
Hygiène Mental

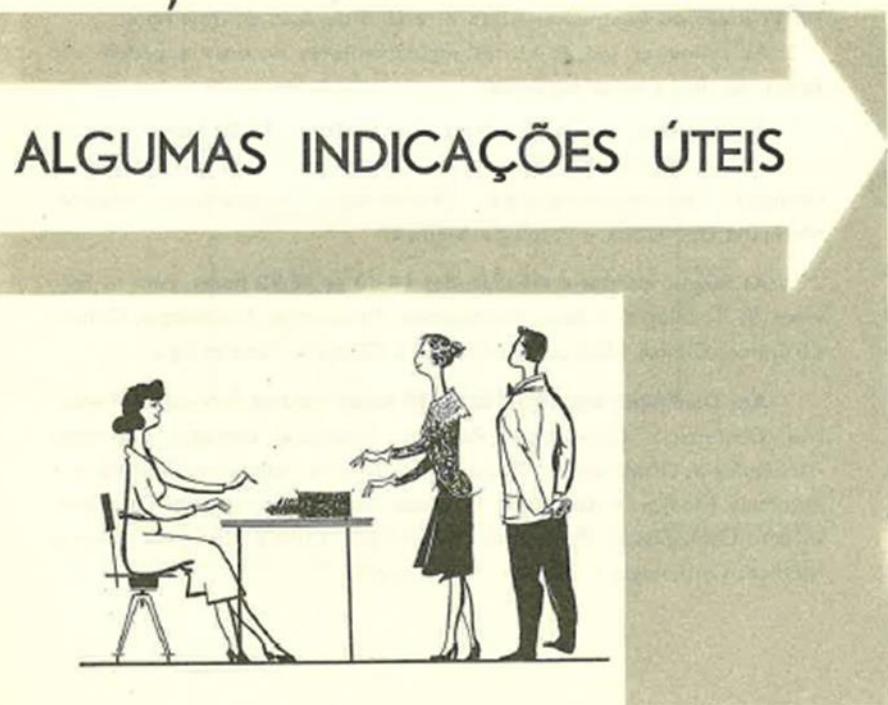
SERVICES AUXILIAIRES DE DIAGNOSTIQUE ET THÉRAPEUTIQUE

Laboratoire Central
Radiologie
Electrocardiographie
Anesthésie
Agents Physiques
Transfusion sanguine
Pharmacie
Réhabilitation



VISITANTE:

SÉ BENVINDO AO HOSPITAL
ESCOLAR DE LISBOA.



ALGUMAS INDICAÇÕES ÚTEIS

1959

- ▶ Ortopedia
- ▶ Dermatologia e Venerologia
- ▶ Urologia
- ▶ Otorrinolaringologia

1957

- ▶ Neurologia Psiquiatria

1956

- ▶ Patologia Cirúrgica

1955

- ▶ Anatomia Patológica
- ▶ Imunohemoterapia

*Serviço / Início
de funcionamento*

O meu diário

DATAS A REGISTAR _____

AS MINHAS VISITAS _____

OS MEUS PRESENTES _____

A MINHA CORRESPONDÊNCIA _____

O MEU MÉDICO _____

A MINHA ENFERMEIRA _____

NO MEU HOSPITAL OCUPO A CAMA N.º _____ DA SALA
N.º _____ DO SERVIÇO

Editora Gráfica, Lisboa



HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA

Ao nosso doente



O HOSPITAL DE QUE NÓS ORGULHÁMOS IRÁ PROPOR-
CIONAR TODOS OS CUIDADOS NECESSÁRIOS PARA QUE
RAPIDAMENTE SE RESTABELEÇA.



A PERFEIÇÃO DOS SEUS SERVIÇOS E A DEDICAÇÃO
DAQUELES QUE OS PRESTAM OFERECEM-LHE AMBIENTE
DE BEM-ESTAR.



ESTE FOLHETO DAR-LHE-Á ENSEJO A CONHECER SER-
VIÇOS E FACILIDADES QUE MUITO GOSTOSAMENTE
O HOSPITAL POE AO SEU INTEIRO DISPOR.

Mensagem Notas informativas

O SEU MÉDICO E A SUA ENFERMEIRA SÃO AGORA OS SEUS MELHORES AMIGOS. AJUDE-OS QUE SE AJUDARA.

*

A SUA ENFERMEIRA ESTÁ APTA A DAR-LHE AS INFORMAÇÕES DE QUE CARECER E A PRESTAR-LHE QUAISQUER ESCLARECIMENTOS.

*

A ADMINISTRAÇÃO RECEBERÁ COM PRAZER AS SUGESTÕES QUE ENTENDA DEVER APRESENTAR-LHE, BASTANDO, PARA ISSO, ESCRIVER-LHE DIRECTAMENTE NO PAPEL QUE SE ENCONTRA NA SUA MESA DE CABECEIRA.

O SEU VESTUÁRIO ESTÁ BEM ACONDICIONADO.

*

OS SEUS VALORES ENCONTRAM-SE DEVIDAMENTE ACAUTELADOS.

*

A SUA CORRESPONDÊNCIA É RECEBIDA E EXPEDIDA TODOS OS DIAS.

*

PODE RECEBER AS SUAS VISITAS NOS DIAS CONSTANTES DO HORÁRIO PELO PERÍODO DE UMA HORA.

*

AS SUAS VISITAS PODEM OFERECER-LHE FLORES, BOLOS, FRUTAS E RECORDAÇÕES QUE LHE SERÃO ENTREGUES PELOS SERVIÇOS DE «RECEPÇÃO».

*

PODE ASSISTIR A MISSA DOMINICAL QUANDO QUEIRA, DESDE QUE TENHA AUTORIZAÇÃO MÉDICA.

*

QUANDO QUISER GULOSEIMAS, POSTAIS, LIVROS, ROTEIROS, REVISTAS OU JORNais, PODE REQUISITÁ-LOS AO BAZAR.

*

PODE FUMAR NOS LOCAIS EM QUE ISSO É PERMITIDO, SE TIVER AUTORIZAÇÃO DO SEU MÉDICO.

*

SE PRECISAR DE SERVIÇOS DE CABELEIREIRO, DE TRANSPORTES OU DE TELEGRAFO, PEÇA-OS A SUA ENFERMEIRA

*

AS SUAS CHAMADAS TELEFÔNICAS SÃO GRATUITAS NA ÁREA DA CIDADE DE LISBOA.

*

A SUA FAMÍLIA E AMIGOS PODEM SABER DO SEU ESTADO A QUALQUER HORA DO DIA OU DA NOITE ATRAVÉS DO «SERVIÇO DE INFORMAÇÕES».













UNIDADE LOCAL DE SAÚDE
SANTA MARIA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Art. 60.º Nos lugares dos serviços de enfermagem e domésticos (serviço interno) a preencher por pessoal feminino só poderão de futuro ser admitidas mulheres solteiras e viúvas, sem filhos, as quais serão substituídas logo que deixem de verificar-se estas condições.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Paços do Governo da República, 1 de Julho de 1938.—ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar — Mário Pais de Sousa.*



Decreto-lei n.º 31 913, de 12 de março de 1942

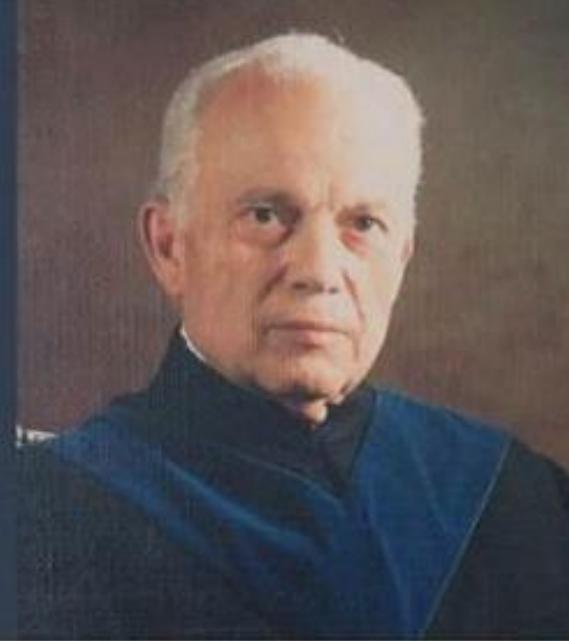
É alterado nos seguintes termos:

"Ao tirocínio e à prestação de enfermagem hospitalar feminina, em princípio reservados a mulheres solteiras ou viúvas sem filhos, serão também admitidas mulheres casadas e viúvas com filhos, quando as necessidades de serviço aconselhem essa admissão, a qual implicará, sempre que possível, o estabelecimento de horários que melhor se ajustem às particulares condições familiares das tirocinantes ou enfermeiras."

O decreto-lei n.º 44 923, de 18 de março de 1963: autoriza o casamento das enfermeiras dos hospitais civis, continuando, no entanto, "a reconhecer-se as vantagens de, sempre que possível, contribuir, através de medidas legislativas, para afastar a mulher casada de preocupações e ambientes estranhos ao seu lar, onde lhe está reservada a mais nobre missão"

Considera-se aconselhável: o afastamento das mulheres casadas da profissão: "posto que a irregularidade de horários e a natureza absorvente das funções dificilmente se coadunam com os deveres de esposa e de mãe".

HOMENAGEM AO PROFESSOR
CORIOLANO FERREIRA
PELO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO
28.OCTUBRO.2016
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA



Coriolano Albino Ferreira
Director HSM 1956 -1961
1º Director-Geral dos Hospitais (1961 – 1972)
1º Director do SUCH

Ao Ex^{mo} Senhor Doutor CORIOLANO FERREIRA

Dig^{mo} Administrador do HOSPITAL DE SANTA MARIA

As Enfermeiras e Auxiliares de Enfermagem casadas,
deste Hospital, testemunham a V.Ex^a a sua gratidão
pela forma tão humana como soube dar solução a
todos os seus problemas.

3 - 11 - 1961



1º Curso Geral de Enfermagem da Escola
de Enfermagem do Hospital de Santa Maria 1960

Escola de
ENFERMAGEM
DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

2



ORDEM DOS MÉDICOS

RELATÓRIO

Contendo as propostas da Subcomissão da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos para o estudo dos problemas relacionados com a

CARREIRA MÉDICA

E

REDE HOSPITALAR DO PAÍS
ANO DE 1959

Presidente e Relator:

JOÃO CID DOS SANTOS

Separata do «Boletim da Ordem dos Médicos»
Vol. XVIII — N.º 3 — 15 de Fevereiro de 1960

6 —

Estabelecido um plano geral de trabalho, procurou-se conseguir a pouco e pouco, através de uma discussão livre, a unanimidade de pontos de vista sobre cada aspecto particular. Esta finalidade foi quase completamente atingida, pois que apenas o problema da urgência de Lisboa e Porto se cristalizou em duas soluções inconciliáveis. Julgamos preferível apresentar essas duas soluções em lugar de uma só obtida por maioria de votos, pois que as vantagens e os inconvenientes inerentes a cada uma justificam a nosso ver essa divergência. Desta forma pode dizer-se que neste relatório estão contidas todas as ideias orientadoras da Comissão inteira.

Para uma boa compreensão, do que a seguir se expõe, julgamos muito importante que o leitor crítico e ainda mais o poder executivo tenham sempre presente na mente o seguinte:

1.º — Este relatório consiste essencialmente numa orientação geral coordenada. Muitos pormenores exigem um estudo minucioso que só pareceu justificado a esta Comissão no caso da matéria do relatório ser aprovado no seu conjunto.

2.º — Uma remodelação geral de toda a organização médica do País não é aplicável de uma só vez. A formação de homens em quantidade suficiente para os novos cargos exige tempo. Também é preciso respeitar muitos direitos adquiridos. Enfim, não se introduzem subitamente novos costumes e um novo espírito num país inteiro. Cremos que, tal como já o dissemos noutro sítio, que um período de 20 a 30 anos deverá ser encarado sem exagero para a aplicação integral da essência das propostas contidas neste relatório. O plano de aplicação progressiva terá de ser executado com ponderação e inteligência.

3.º — Enfim, a Comissão inteira acentua com todo o vigor que o conteúdo deste relatório representa um conjunto de questões solidárias. A aplicação parcial ou isolada de algumas delas sómente, sem ter em conta o conjunto das engrenagens, pode conduzir a resultados totalmente diversos daqueles que aqui se pretendem.

II

PRINCÍPIOS

Para facilitar a compreensão geral do conjunto de orientações contidas neste relatório e ao mesmo tempo para indicar logo de entrada o espírito que dominou a sua elaboração, expõem-se desde já alguns princípios que presidiram a este estudo ou que dele se deduziram. A estes princípios juntaram-se alguns outros que constituem uma indicação de ordem geral considerada fundamental, mas que não será desenvolvida

ORDEM DOS MÉDICOS

RELATÓRIO SOBRE AS CARREIRAS MÉDICAS



LISBOA

1961

1899 - O Dr. Ricardo Jorge inicia a organização dos serviços de saúde pública com o Decreto de 28 de Dezembro e o **Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública**, de 24 de Dezembro de 1901. Regulamentada em 1901, a organização entra em vigor em 1903. A prestação de cuidados de saúde era então de índole privada, **cabendo ao Estado apenas a assistência aos pobres**.

1945 - A publicação do Decreto-Lei n.º 35108, de 7 de Novembro de 1945, dá lugar à reforma sanitária de Trigo de Negreiros (**Subsecretário de Estado da Assistência e das Corporações do Ministério do Interior**). É reconhecida assim a debilidade da situação sanitária no país e a necessidade de uma resposta do Estado. São criados institutos dedicados a problemas de saúde pública específicos, como a tuberculose e a saúde materna.

1958 - **O Ministério da Saúde e da Assistência** surge por via do Decreto-Lei n.º 41825, de 13 de Agosto. A tutela dos serviços de saúde pública e os serviços de assistência pública deixam assim de pertencer ao **Ministério do Interior**.

1971 - Com a reforma do sistema de saúde e assistência conhecida como “**Reforma de Gonçalves Ferreira**”, surge o primeiro esboço de um Serviço Nacional de Saúde.

1973 - Surge o **Ministério da Saúde**, autonomizado face à Assistência, através do Decreto-Lei n.º 584/73, de 6 de Novembro.

1974 - O Ministério é transformado em **Secretaria de Estado (da Saúde)** e integrado no **Ministério dos Assuntos Sociais** pelo Decreto-Lei n.º 203/74, de 15 de Maio).

1979 - A Lei n.º 56/79, de 15 de Setembro, cria o **Serviço Nacional de Saúde**, no âmbito do **Ministério dos Assuntos Sociais**, enquanto instrumento do Estado para assegurar o direito à protecção da saúde, nos termos da Constituição. O acesso é garantido a todos os cidadãos, independentemente da sua condição económica e social, bem como aos estrangeiros, em regime de reciprocidade, apátridas e refugiados políticos.

1983 - O Decreto-Lei n.º 344-A/83, de 25 de Julho, que aprova a Lei Orgânica do IX Governo Constitucional, cria o **Ministério da Saúde**. A autonomia é ditada pela importância do sector, pelo volume dos serviços, pelas infra-estruturas que integra e pela importância que os cidadãos lhe reconhecem.

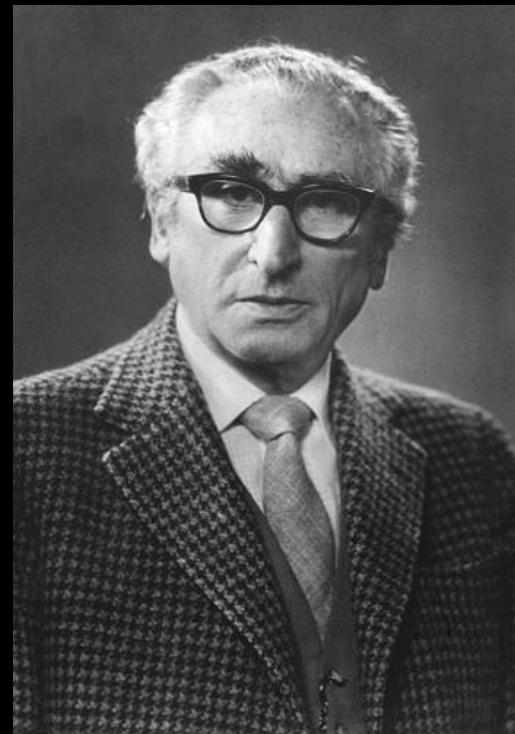
FONTE: <https://www.historico.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais/gc19/os-ministerios/ms/quero-saber-mais/quero-aprender/historia-sns.aspx>



Prof. Ricardo Jorge
(1858-1939)



Prof. António Flores
(1883 – 1957)



Prof. Cid dos Santos
(1907-1975)



Prof. Miller Guerra
(1912 – 1993)

António Arnaut

Escritor e Político

Fundador do Serviço Nacional de Saúde

O SNS é uma exigência ética da civilização e de justiça social.

A. Arnaut



ESTAMOS
A MELHORAR
OS NOSSOS
SERVIÇOS
**PARA
SI**

Agradecemos a
sua compreensão
e lealdade
que estão a contribuir
para a melhoria
do nosso serviço

zona

40

CHUC

















Agradecimentos

Enf. Madalena Trindade Abranches - Adjunta da Enf. Directora
Dra. Susana Oliveira Henriques - Bibliotecária-Chefe FMUL